



RELISE

**A JORNADA DO PROGRAMA DESPERTAR: EDUCAÇÃO
EMPREENDEDORA COM BASE NA INDISSOCIABILIDADE ENSINO-
PESQUISA-EXTENSÃO¹**

*THE JOURNEY OF DESPERTAR PROGRAM: ENTREPRENEURIAL
EDUCATION BASED ON THE INDISSOCIABILITY TEACHING, RESEARCH
AND EXTENSION*

Shana Sabbado Flores²

Renato Koch Colomby³

Carine Popiolek⁴

Alexsandro Cristovão Bonatto⁵

RESUMO

O objetivo do artigo é refletir sobre uma experiência prática de educação empreendedora com intuito de promover trocas e *insights* aos profissionais e entusiastas da temática. Para isso, como método, faz-se uso de um estudo de caso em uma abordagem qualitativa tendo como coleta de dados a observação participante e a análise documental. O caso escolhido por acessibilidade e de forma intencional é o Programa Despertar realizado desde 2016 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Entre os principais resultados, pode-se aferir que o Programa Despertar, através de seus diferentes projetos, tem contribuído para o fortalecimento da educação empreendedora no campus em que atua e no IFRS como um todo. Afinal, entre as contribuições sociais do Programa está o despertar das competências empreendedoras dos participantes nas suas mais diversas possibilidades de atuação. Além disso, o programa tem recebido importantes destaques institucionais pela relevância acadêmica ao conseguir abarcar projetos unívocos que se caracterizam pela indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão. O artigo inova em apresentar o projeto através da

¹ Recebido em 18/04/2021. Aprovado em 29/04/2021.

² Instituto Federal do Rio Grande do Sul. shanna.flores@ifrs.edu.br

³ Instituto Federal do Paraná. renato.colomby@gmail.com

⁴ Instituto Federal do Rio Grande do Sul. carine.popiolek@erechim.ifrs.edu.br

⁵ Instituto Federal do Rio Grande do Sul. alexsandro.bonatto@restinga.ifrs.edu.br



RELISE

150

jornada do empreendedor. Conclui-se assim que a educação empreendedora, através de diferentes esforços tem se consolidado no IFRS e, cada vez mais, tem sido evidenciada como um objetivo a ser continuamente trabalhado, revisitado e disseminado em outras instituições. Espera-se, assim, que esse artigo também possa servir de inspiração para novas práticas de educação empreendedora e de avanços teóricos e metodológicos relacionados ao tema em debate.

Palavras-chave: educação empreendedora, indissociabilidade, verticalidade, interdisciplinaridade, ensino tecnológico.

ABSTRACT

The objective of the paper is to reflect on a practical experience of entrepreneurial education in order to promote exchanges and insights to professionals and enthusiasts of the subject. For this, as a method, a case study is used in a qualitative approach, taking as data collection participant observation and documentary analysis. The case chosen for accessibility and intentionally is the “Despertar” Program conducted since 2016 at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul (IFRS). Among the main results, it can be verified that the “Despertar” Program, through its different projects, have contributed to the strengthening of entrepreneurial education in the campus where it operates and in IFRS as a whole. After all, among the social contributions of the Program is the awakening of entrepreneurial skills of the participants in their most diverse possibilities of action. In addition, the program has received important institutional highlights for its academic relevance by being able to embrace univocal projects characterized by the indissociability of teaching, research and extension. In addition, in its originality, the article innovates in presenting the project through the journey of the entrepreneur. We conclude that entrepreneurial education through different efforts has been consolidated in IFRS and, increasingly, it has been evidenced as an objective to be continuously worked, revisited and disseminated in other institutions. It is hoped, therefore, that this article may also serve as inspiration for new entrepreneurial education practices and for theoretical and methodological advances related to the topic under discussion.

Keywords: entrepreneurial education, inseparability, verticality, interdisciplinarity, technological teaching.



RELISE

151

INTRODUÇÃO

A promoção do empreendedorismo e da educação empreendedora vem ganhando relevância em âmbito internacional nas mais diversas esferas. Ao mesmo tempo em que a criação de empresas – uma, senão a principal, expressão do empreendedorismo – é considerada pelo PNUD (ONU) o instrumento mais eficaz para a geração de empregos, o crescimento econômico, o desenvolvimento social e, conseqüentemente, para combater a pobreza em uma sociedade, a educação empreendedora tem ocupado lugar de destaque em debates, seja no âmbito econômico, político ou acadêmico (GEM, 2015; SCHAEFER; MINELLO, 2016).

Para se ter uma ideia do interesse no tema, uma pesquisa promovida em 2014 pelo Sebrae e Endeavor, com amostra de quase 5.000 estudantes de graduação e pós-graduação em 70 instituições de ensino brasileiras mostrou que a vontade de cursar disciplinas de empreendedorismo é superior a 70% em todos os cursos, chegando a 96% nas formações em administração (SEBRAE, 2014). Já a edição de 2016 da mesma pesquisa mostrou que cerca de 54% dos alunos empreendedores ou potenciais acredita que as iniciativas de educação empreendedora são essenciais para seu desenvolvimento (SEBRAE, 2016).

Se o empreendedorismo é motor para o desenvolvimento da sociedade, a educação empreendedora pode ser considerada seu combustível. Tendo isso em vista, diversas iniciativas vêm sendo adotadas desde o ensino fundamental até a pós-graduação com o objetivo de despertar competências empreendedoras em crianças, jovens e adultos. É interessante observar que a educação empreendedora não teve suas raízes no ensino regular, como um conjunto de competências a ser desenvolvidas, ou de discussões próprias à área de educação, estando seu desenvolvimento muito mais vinculado a



RELISE

necessidades práticas nos cursos de administração de empresas (LOPES, 2010).

As iniciativas promovidas pelas instituições preocupadas com essa temática podem ser pontuais, como oferta de disciplinas ou de cursos, ou estruturadas em programas, em sinergia com incubadoras, espaços de inovação e de *coworking*. O empreendedorismo também pode e deve se dar de forma transversal, fomentando uma cultura empreendedora ao longo do tempo e das mais diversas formações que um indivíduo possa trilhar em sua carreira (ANDRADE; TORKOMIAN, 2001; LOPES, 2010). Como consequência, diversos estudos e propostas vêm trabalhando a natureza e as especificidades da educação empreendedora, destacando a ênfase no processo, em lugar de conteúdo, a importância de iniciativas transversais e integradas, além da promoção de metodologias ativas, centradas no aluno e que valorizem suas experiências (DOLABELA, 2007; SCHAEFER; MINELLO, 2016).

Nesse sentido, o que faz uma instituição empreendedora? Ou, o que faz de uma instituição de ensino uma instituição empreendedora? O estudo de casos clássicos de sucesso como Harvard, Babson College ou Stanford demonstram a influência de fatores internos e externos no desenvolvimento e, apesar de serem sistematizadas diretrizes e boas práticas, existe um relativo consenso de que as iniciativas de sucesso levam em conta seus contextos, o que inclui o perfil de profissionais e alunos. Pensando em tudo isso, diversas iniciativas envolvendo educação empreendedora foram iniciadas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) a partir de 2010, junto com a expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e a criação de novas unidades.

A partir do estudo de caso de um programa realizado desde 2016 no IFRS e considerado exitoso pelos envolvidos, o objetivo deste artigo é refletir sobre uma experiência prática de educação empreendedora com intuito de



RELISE

153

promover trocas e *insights* aos profissionais e entusiastas da temática. Não obstante, a educação empreendedora é aqui compreendida como uma ação necessária aos espaços escolares, vertical, transdisciplinar e com caráter indissociável no que se refere ao ensino, à pesquisa e à extensão.

Nesse sentido, o Programa Despertar, em análise neste artigo, foi estruturado em 2015, com início no ano seguinte, sistematizando iniciativas em andamento em uma proposta metodológica inovadora pautada na indissociabilidade – integrando iniciativas de ensino, pesquisa e extensão – e verticalidade, promovendo a participação de estudantes do ensino médio e superior, além da comunidade externa. Além da contribuição metodológica e da relevância acadêmica pela conquista em abarcar projetos unívocos que se caracterizam por essa indissociabilidade, o programa está localizado em um campus no bairro Restinga, periferia de Porto Alegre, e atua com empreendedorismo de base tecnológica e também social, em sinergia com a Incubadora Tecnológica e Social da Restinga, localizada no *campus* e o InovaLab@Restinga, espaço Fablab e *maker*.

O Programa vem sendo uma experiência de aprendizado para todos os envolvidos, mas, acima de tudo, despertando o empreendedorismo no campus e valorizando as características empreendedoras pessoais e locais. Para que este artigo também possa servir de inspiração para novas práticas de educação empreendedora e de avanços teóricos e metodológicos relacionados ao tema em debate, o texto está assim estruturado: após a revisão teórica e os procedimentos metodológicos, apresenta-se a trajetória do programa, suas principais iniciativas e resultados.



RELISE

154

REFERENCIAL TEÓRICO

Educação empreendedora: oportunidades e desafios

O Brasil se destaca no contexto internacional no âmbito das taxas de empreendedorismo, como pode ser visto nos dados do consórcio GEM (Global Entrepreneurship Monitor), programa que avalia em escala mundial a atividade empreendedora, produzindo relatórios anuais desde 1999. No Brasil, o Programa é apoiado pelo SEBRAE, IBQP (Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade) e FGV (Fundação Getúlio Vargas). No Relatório de 2015, o país se destacou por uma taxa de empreendedorismo (Taxa Total de Empreendedores, TTE) em 34,5% da população adulta entre 18 e 64 anos, o que corresponde a 45 milhões de indivíduos empreendedores (GEM, 2015).

Ao mesmo tempo que o Brasil possui resultados animadores com relação à disposição para empreender, o perfil do empreendedorismo brasileiro se caracteriza por um empreendedorismo com baixa inovação, que ocorre em classes mais pobres, com baixa instrução e com baixo poder de inovação. Os dados de 2015 do GEM apontam que 58% dos empreendedores possuem renda de até 3 salários mínimos. Com relação ao nível de educação, 52% dos empreendedores têm nível de escolaridade entre primeiro grau incompleto até ensino médio incompleto, enquanto outros 38% possuem até ensino superior incompleto (GEM, 2015). Essa questão estrutural de baixa renda e escolaridade acaba por impactar em aspectos como posicionamento no mercado e inovação, o que pode ser evidenciado nos índices de 65% dos empreendedores trabalhando com produtos e serviços com muita concorrência, enquanto cerca de 80% atuam em produtos e serviços que não são considerados novos.

Aqui se apresenta um paradoxo no qual, ao mesmo tempo que os especialistas destacam uma boa aceitação do empreendedorismo pela



RELISE

população brasileira, essa não parece ser uma escolha por parte da população com maior grau de instrução, revelando um empreendedorismo por necessidade muito mais que uma opção deliberada de vida e carreira. E é exatamente esse público, que passa pelo ensino superior, o responsável pelo aumento da dinâmica empreendedora, potencializando a inovação e a transferência de tecnologia. Inclusive, uma análise transversal a partir do levantamento do GEM nos diversos países indica que o aumento do empreendedorismo passa por comprometimento e investimentos em educação superior (GEM, 2015).

Todavia, a educação superior por si só não necessariamente favorece a dinâmica empreendedora, o que coloca em evidência a importância e os desafios da educação empreendedora em suas diversas formas conceituais e empíricas. O levantamento destaca a inserção do empreendedorismo como componente curricular, além de um aumento no acesso aos ensinos superior e técnico. Contudo, os especialistas consultados na pesquisa evidenciam que prevalece no país uma estrutura tradicional de ensino, que acaba direcionando os alunos para empregos no setor público e privado e negligencia o empreendedorismo como alternativa profissional (GEM, 2015).

Uma pesquisa sobre o empreendedorismo universitário realizada no país também acabou revelando que apenas 6% dos estudantes já são empreendedores e outros 21% têm intenção de empreender, enquanto cerca de 70% têm como objetivo de carreira o setor público ou grandes empresas. Outro indicativo de que não necessariamente ensino superior está relacionado ao empreendedorismo inovador é que entre os potenciais empreendedores, mais de 60% optam por produtos já existentes no mercado e por setores tradicionais (SEBRAE, 2016).

Vale destacar também que as iniciativas de educação empreendedora tiveram início nos EUA. Um curso promovido pela Harvard voltado ao



RELISE

156

gerenciamento de pequenas empresas, em 1947, é considerado o pioneiro no segmento. Em 1953, o lendário Peter Drucker participou da criação do curso de “Empreendedorismo e Inovação” na New York University. Já no Brasil, as primeiras experiências nesse sentido foram na década de 80, com destaque para a disciplina de “Novos Negócios” na FGV, em 1981 (DOLABELA, 2011; LOPES, 2010). Outra experiência citada por Dolabela (2011) é a disciplina de criação de empresas no curso de Ciência da Computação da UFRGS, já em 1984.

De lá para cá, a educação empreendedora vem ganhando força no país e no contexto internacional. É interessante observar que a inserção de diretrizes ligadas ao empreendedorismo nos currículos busca fomentar a formação de empreendedores e não necessariamente de empresas, como destaca Dolabela (2011). O empreendedor é alguém capaz de identificar oportunidades, inovar e mudar sempre, e pode atuar criando novos produtos, serviços, ou negócios, ou ainda no chamado empreendedorismo social ou sustentável, encontrando soluções para demandas da sociedade.

Especialistas estão de acordo que a atuação empreendedora requer o desenvolvimento de competências de forma sistemática, e, nesse sentido, a educação empreendedora pode envolver iniciativas voltadas ao desenvolvimento interpessoal, ou ser mais focada em técnicas e tópicos de gestão e negócios (LOPES, 2010). Inclusive, pesquisa envolvendo a percepção dos alunos em relação às disciplinas voltadas à educação empreendedora destacam aspectos relacionados ao mundo do trabalho, mas também a atitudes pessoais e empresariais, o que contribui para uma formação integral, contemplando vida pessoal e profissional (GOMES; SILVA, 2018). Dito isso, reforça-se que a educação empreendedora contribui, ao mesmo tempo, para a auto-realização dos indivíduos, além de fomentar o desenvolvimento social e crescimento econômico (DOLABELA, 2007, 2011).



RELISE

Aliado ao já exposto, a educação empreendedora propicia uma experimentação prática, o que contribui para a construção dos conhecimentos na formação integral do profissional. É possível relacionar a educação empreendedora com a abordagem de “educar pela pesquisa” que parte do pressuposto do questionamento reconstrutivo como cerne do processo de pesquisa e da pesquisa como atitude cotidiana, tanto no professor como no aluno (DEMO, 2011). Dessa forma, uma educação pela pesquisa deve fazer com que o aluno utilize o questionamento da realidade e dos próprios conceitos como cerne da construção do seu próprio conhecimento. Nessa linha, a educação empreendedora, ao fomentar o questionamento da área de atuação e das alternativas de atuação profissional e na sociedade, contribui para o desenvolvimento dos indivíduos, comunidade e desenvolvimento local.

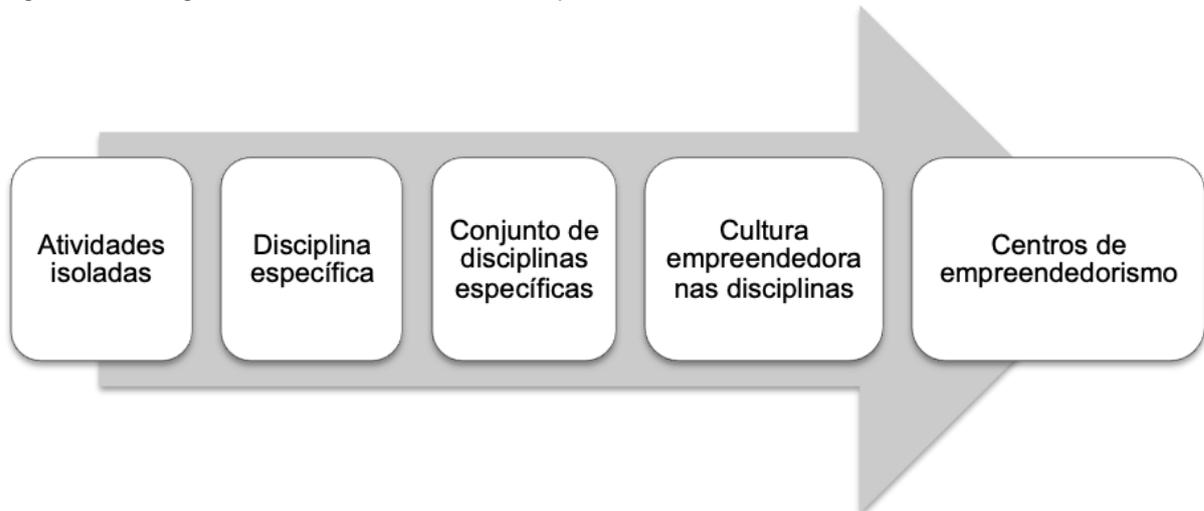
Indo para as práticas, os programas de educação empreendedora podem ser entendidos como estruturação de atividades e iniciativas com objetivo de promover o empreendedorismo em escopo amplo. Dessa maneira, pode ser traçado um processo de amadurecimento vislumbrando a formação de “instituições empreendedoras”, que vão de atividades isoladas e disciplinas específicas, passando para ações articuladas, que podem culminar em um centro de empreendedorismo, como pode ser visto na figura 1 (ANDRADE; TORKOMIAN, 2001). Tal trajetória marca a passagem do empreendedorismo como disciplina para tema transversal, o que pode ocorrer nas mais diversas formações e áreas de conhecimento.



RELISE

158

Figura 1 – Estágios de desenvolvimento do empreendedorismo universitário



Fonte: elaborado pelos autores a partir de Andrade e Torkomian (2001)

Se uma das características da educação empreendedora é a centralidade do aluno, é particularmente importante que as propostas, avaliação e estruturação de iniciativas levem em conta o ponto de vista do aluno, seus objetivos e percepções (DOLABELA, 2007; LIMA *et al.*, 2015; SCHAEFER; MINELLO, 2016). Citando novamente a pesquisa sobre empreendedorismo universitário no Brasil, a edição de 2016 mostrou que apenas 36% dos alunos se mostram satisfeitos. A partir desse número, lacunas importantes podem ser exploradas e uma questão a ser levantada é que as iniciativas não acompanham toda a jornada do empreendedor.

A pesquisa evidenciou que 54% das disciplinas oferecidas são focadas no “inspirar a empreender”, que seria o estágio inicial do processo empreendedor e que apenas 6% das instituições possuem programas com maior escopo, articulando diversas iniciativas (SEBRAE, 2016). Outras lacunas foram a formação e experiência dos docentes e que as instituições de ensino não são agentes centrais no apoio aos empreendedores – apenas um terço dos alunos empreendedores afirmou conversar com professores e acreditar que auxiliam no desenvolvimento de seus projetos.



RELISE

Outro importante levantamento internacional voltado ao empreendedorismo universitário, o GUESSS (*Global University Entrepreneurial Spirit Students' Survey*) vai na mesma linha e destaca o interesse dos estudantes brasileiros em participar de atividades voltadas ao empreendedorismo. A pesquisa, que contou com amostra de estudantes universitários em 34 países, 12.561 só no Brasil, identificou que o interesse dos brasileiros é consideravelmente maior que a média internacional, sobretudo na questão do empreendedorismo social (LIMA *et al.*, 2015; LIMA *et al.*, 2014). O relatório destaca que, apesar das iniciativas transversais ainda serem reduzidas no país, existem experiências inovadoras e instituições que se destacam pelo rápido avanço.

Como pode ser visto, diversos são os desafios e oportunidades para a educação empreendedora no Brasil, dentre os quais pode ser destacado: o aumento na oferta, seja de disciplinas, sejam de atividades extracurriculares ou de programas transversais; a formação docente, o que inclui atualização, contato com o mercado e presença de docentes empreendedores; a aproximação com empreendedores e suas realidades; uma abordagem mais prática nas metodologias de ensino; e maior diversificação nas metodologias aplicadas, indo além do plano de negócio (LIMA *et al.*, 2015). Todos esses são desafios teóricos e metodológicos, mas que fazem sentido apenas quando transportados para a prática, empreendendo uma educação capaz de transformar realidades e capacite os alunos para tomar um papel ativo na construção de suas perspectivas.

Contexto dos IFs

Os Institutos Federais (IFs) surgiram como uma nova institucionalidade – criada pela Lei No 11.892, de 29 de dezembro de 2008 (BRASIL, 2008) – com objetivo de ressignificar a formação técnica e tecnológica no país. A



RELISE

160

proposta foi de um modelo institucional inovador, trabalhando com princípios como verticalidade, capilaridade e atuação territorial. A lei de criação estruturou a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, que reuniu escolas técnicas centenárias e previu a criação de novas unidades sob uma mesma institucionalidade, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Desde então, a Rede ficou composta por 41 unidades, das quais 38 são IFs, aos quais se somam o CEFET-RJ, CEFET-MG e o Colégio Pedro II. A Rede, que em 2002 seria representada por 140 escolas técnicas, contava em 2020 com 653 campi, mais de 1 milhão de matrículas em cerca de 11 mil cursos, que vão da formação continuada à pós-graduação, passando pelo ensino em nível técnico e superior (BRASIL, 2018; MEC/SETEC, 2021).

Uma das características que estiveram presentes desde a sua concepção é a capilaridade. Enquanto as universidades tendem a centralizar seus recursos, formando centros de excelência, a atuação dos IFs é marcada por unidades de menor porte, distribuídos em mais de 600 municípios do Brasil e levando educação técnica e superior também para o interior do país e municípios médios e pequenos. Ao mesmo tempo, a estrutura multicampi marca uma atuação territorial e favorece a articulação com os arranjos produtivos locais (PACHECO, 2018).

Outra peculiaridade dos IFs é a verticalidade, a partir da qual as mesmas unidades podem ter cursos que vão de formação inicial até pós-graduação. A verticalidade já estava prevista na Lei de Criação, que estipulou um mínimo de 50% das vagas para cursos técnicos e 20% para licenciaturas ou cursos de formação docente (BRASIL, 2008). Em 2020, a Rede contabilizou em torno de 47% das matrículas em nível técnico, 28% em ensino superior e pouco mais de 5% em pós-graduação. No âmbito da pós-graduação já são 181 programas de mestrado e 9 de doutorado (MEC/SETEC, 2021). Uma questão interessante da verticalidade é que também o corpo docente acaba por



RELISE

trabalhar com os diversos níveis de formação e que os alunos compartilham espaços de aprendizagem e convivência, criando e fortalecendo trajetórias de formação.

Procedimentos Metodológicos

Tendo em vista que o objetivo geral do artigo foi refletir acerca da experiência prática de educação empreendedora a partir do Programa Despertar, optou-se pela realização de um estudo de caso descritivo com abordagem qualitativa. Afinal, a abordagem qualitativa é uma estratégia de investigação baseada em uma rigorosa descrição contextual de um fato ou situação que garanta a máxima intersubjetividade na captação da realidade complexa através da coleta de dados, partindo do princípio de que a realidade social e cultural não pode ser conhecida exclusivamente através de reações observáveis e mensuráveis do homem (PÉREZ-SERRANO, 1990).

Por sua vez, um estudo de caso pode ser definido como “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2010, p. 32). Sendo assim, os pesquisadores envolvidos tiveram contato direto com a situação estudada para obtenção dos dados necessários para a realização da pesquisa e alcance do objetivo proposto.

A principal técnica de coleta de dados se deu por observação participante. Segundo Serva e Jaime (1995, p. 69), é a situação de pesquisa “o processo de coleta de dados se dá no próprio ambiente natural de vida dos observados, que passam a ser vistos não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos que interagem”. Para Martins (1996), essa técnica se destaca das demais, pois cria condições privilegiadas de compreensão a partir de um ponto de vista que não seria possível com outra técnica.



RELISE

Além da observação participante que incluiu também a participação em reuniões e eventos promovidos pelo Programa analisado, utilizou-se como coleta de dados a análise documental de i) atas de reuniões ii) projetos de pesquisa, ensino e extensão; iii) relatórios técnico-científicos; iv) relatórios gerenciais; v) relatos de experiência e avaliações por parte da equipe executora; vi) avaliação do público; e vii) avaliações externas e pareceres sobre o projeto.

O caso foi escolhido por acessibilidade e de forma intencional. Além disso, o Programa Despertar estruturado em 2015, realizado desde 2016 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), tem ganhado destaque, no âmbito do seu campus de atuação (Restinga) e fora dele (na comunidade em geral). O período de análise se deu desde agosto de 2015 até dezembro de 2019 o que o faz ser considerado um trabalho transversal com aproximação longitudinal (COOPER; SCHINDLER, 2014). A partir de 2020 não foi realizada a análise em função das readequações necessárias devido às medidas de enfrentamento à Covid-19 que impactaram significativamente a dinâmica escolar, sobretudo com o ensino remoto necessário para manutenção do distanciamento físico indicado pela Organização Mundial de Saúde.

Já no que diz respeito à análise dos dados, utilizou-se como referência conceitual a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Para tal, seguiu-se as seguintes etapas sugeridas pela autora: i) pré-análise; ii) exploração do material (codificação de dados); e iii) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Em resumo, pode-se dizer que esse processo se deu pela organização de ideias a partir do quadro referencial teórico e o estabelecimento de indicadores para a interpretação das informações coletadas; coleta de dados; operacionalização e sistematização das informações coletadas;



RELISE

agrupamento e codificação de dados; sintetização, seleção e interpretação de resultados de forma coletiva entre os pesquisadores participantes.

Não obstante, deve-se recordar que tratando de uma investigação do campo das ciências sociais aplicadas, a visão de mundo dos pesquisadores e dos atores sociais presentes em seu campo de estudo está implicada em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto, aos resultados do trabalho e à sua aplicação (MINAYO, 2001).

Ademais, esse estudo é exploratório e descritivo, pois investiga informações pouco desenvolvidas no contexto de análise (COLLIS; HUSSEY, 2005) e detalha o fenômeno proposto (YIN, 2010). Por fim, em relação às considerações éticas do estudo, destaca-se que houve o consentimento e autorização dos coordenadores do Programa para a realização da pesquisa.

Programa Despertar: promovendo o empreendedorismo no IFRS

O Programa Despertar é uma iniciativa que articula ações de ensino, pesquisa e extensão com objetivo de promover o empreendedorismo, com foco no IFRS e no *campus* Restinga ou também denominado PoA-Restinga. A evolução do programa se confunde com a implantação do campus. Desde a implantação dos primeiros cursos, o empreendedorismo era presente como disciplina e como intenção de trabalho por parte do corpo docente e técnico, mas foi necessária uma trajetória de tentativas, erros, aprendizados e convencimentos para sair de ações pontuais para um programa que hoje é referência na instituição e fomenta projetos em diversas áreas – o que por si só pode ser considerado uma jornada empreendedora.

O IFRS foi formado a partir de 4 instituições - 2 escolas técnicas vinculadas à universidade, 1 CEFET e 1 escola agrotécnica - e conta hoje com 17 campi, dos quais, além dos 4 pré-existentes se somam 5 escolas federalizadas, 3 da chamada Fase 2 de expansão da Rede Federal



RELISE

164

(implantação em 2010) e 5 da Fase 3 (unidades iniciadas entre 2011-2014). O IFRS contabilizou em 2020 mais de 27 mil matrículas em 200 cursos, 152 técnicos, 40 superiores e 21 em nível de pós-graduação, dos quais 5 são programas de mestrado.

O Programa se desenrolou no campus Restinga do IFRS, que está localizado em Porto Alegre (RS), em um bairro no extremo sul do município que convive com graves problemas de vulnerabilidade social. É considerado o primeiro campus do Brasil a ser implantado a partir de articulação da comunidade, processo que marcou não só a implantação, mas o desenvolvimento do campus. Ainda hoje as lideranças comunitárias são bastante presentes nas atividades e cotidiano do campus. Para se ter uma ideia, a escolha de novos cursos do campus é feita por edital no qual qualquer membro da comunidade interna ou externa pode apresentar uma proposta de curso, que passa pela apreciação das diversas comissões temáticas e escolha no Conselho de Campus. O campus PoA-Restinga do IFRS contabilizou em 2020, 1.408 matrículas em 22 cursos, nos eixos de controle e processo industrial (4), informação e comunicação (7), recursos naturais (1), turismo, hospitalidade e lazer (5), desenvolvimento educacional (1) e gestão e negócios (4).

O campus pode ser exemplo no que tange à verticalização do ensino, pois no nível técnico integrado ao Ensino Médio são ofertados cursos de Informática, Eletrônica e Lazer; no concomitante ao Ensino Médio o curso de Redes de Computadores. No subsequente ao Ensino Médio, o curso Técnico em Guia de Turismo. Já na modalidade de Educação Profissional de Jovens e Adultos integrada ao Ensino Médio são os cursos técnicos em Recursos Humanos, Comércio e Agroecologia. No nível superior, é oferecida Licenciatura em Letras e os cursos Tecnólogos em: Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Gestão Desportiva e de Lazer, Eletrônica Industrial e Processos



RELISE

Gerenciais. Com essa distribuição entre os eixos tecnológicos, o estudante que inicia o Ensino Médio tem condições de seguir até o Ensino Superior e até além, com a previsão de cursos de Especialização no próprio campus, como também as oportunidades em outros campi do IFRS.

Já no que se refere aos desafios e conquistas específicos da trajetória do Programa Despertar, a seguir, sua caminhada será analisada a partir da jornada do empreendedor.

Descoberta e primeiros testes

Como já mencionado, uma semente de empreendedorismo estava presente no campus Restinga desde sua implantação. O campus iniciou em 2010 com a oferta de 3 cursos técnicos subsequentes - administração, guia de turismo e informática para internet - e todos já contavam com disciplina de empreendedorismo. O empreendedorismo no currículo seguiu como um princípio e os demais cursos implantados continuaram a contar com a unidade curricular. Ao mesmo tempo outras atividades eram propostas, como palestras e o incentivo aos alunos à participação em eventos e concursos de ideias inovadoras. Nesse momento, que pode ser considerado "a descoberta", as iniciativas se davam de forma bastante isolada e personalizada.

A partir de 2012, com a troca de docentes que atuavam na área, começaram também novas iniciativas que avançaram mais um nível. isto é, foram realizados os primeiros testes para adotar empreendedorismo de forma transversal e fora da sala de aula. Duas iniciativas marcaram essa época: o projeto integrador no PROEJA (Educação de Jovens e Adultos) e a Mostra Empreendedora. A primeira oportunidade de trabalhar empreendedorismo de forma transversal foi no Técnico em Recursos Humanos integrado ao ensino médio na modalidade PROEJA. Os alunos estavam então no 2º ano de curso e haviam trabalhado no ano anterior com um projeto integrado na área de



RELISE

Recursos Humanos. Além disso, diversos alunos da turma possuíam pequenos negócios ou pretendiam empreender, mesmo sem formação para isso. Então foi proposto que a disciplina empreendedorismo iria centralizar o trabalho dos demais componentes do semestre e o trabalho final seria um Plano de Negócio.

A adesão ao projeto era facultativa aos docentes dos diversos componentes curriculares. A integração das disciplinas foi feita utilizando a ferramenta de Unidade de Aprendizagem, cujo esboço inicial de temas principais e integração pode ser visto no mapa conceitual a seguir (Figura 2), proposto pela docente da disciplina de empreendedorismo para orientar os trabalhos. Assim, disciplinas como departamento de pessoal, psicologia aplicada e informática conseguiram articular sua atuação.

Figura 2 – Mapa Conceitual



Fonte: elaborado pelos autores



RELISE

Um ponto interessante da iniciativa é que muito se discutiu na equipe de que o trabalho seria muito complexo para os alunos e que elaborar um Plano de Negócio era tarefa que exigia maiores conhecimentos da área da gestão. Tal situação poderia até ser realidade, mas, por outro lado, também era fato que muitos dos alunos já empreendiam ou pretendiam empreender. Assim, a instituição poderia escolher entre apoiar esse empreendedorismo incipiente, instrumentalizando os alunos para melhor desempenhar seus projetos ou seguir em uma capacitação em nível conceitual, que poderia ser, *a priori*, mais robusta, mas talvez estivesse distante da realidade dos alunos e de sua efetiva aplicação. Dessa maneira, o desafio que se apresentou foi adequar os métodos e planos de ensino, o que exigiu iniciativas como sala de aula compartilhada entre as docentes de empreendedorismo e informática, pois uma das maiores dificuldades era a utilização de planilhas eletrônicas e ferramentas de apresentação.

A partir desse projeto derivou a segunda experiência do período, a Mostra Empreendedora. Após um projeto que envolveu tantos esforços, a apresentação tradicional, em uma sala de aula, perdeu um pouco o sentido. Então, a entrega foi organizada em formato de Mostra que seguiu na sala de aula, mas uma sala aberta à visita da comunidade interna e externa. Os alunos organizaram *stands* e mostravam seus projetos para os visitantes. Para levar o aprendizado à prática, a organização da Mostra também ficou a cargo dos alunos, o que incluía infraestrutura e divulgação, exercitando outras competências ligadas ao empreendedorismo.

Outra inovação é que os trabalhos eram avaliados por pessoas externas ao projeto, o que incluía docentes, servidores e ex-alunos. A Mostra passou a fazer parte das disciplinas de empreendedorismo no campus e entre 2012 e 2013 foram realizadas 3 edições. Importante ser destacado aqui que



RELISE

168

ainda não havia um modelo necessariamente consolidado de Projeto, mas sim testes sendo realizados. Esses testes se mostraram de suma importância para a “validação do modelo” que estava em construção coletiva e sendo experienciado pela equipe de trabalho e demais envolvidos.

Desse período de descoberta e primeiros testes veio a vontade de subir mais um degrau na promoção do empreendedorismo e iniciar uma incubadora de empreendimentos no campus. Então as equipes começaram a discutir o projeto, inclusive, trazendo especialistas para fazer palestras e elucidar o tema. Uma constatação dos envolvidos com as ações de empreendedorismo é que a incubadora, apesar do potencial de aglutinar e promover, não poderia ser um fim em si mesma. Nessa concepção estaria fadada a ser uma estrutura vazia, ou sem projetos inovadores. Era necessário um trabalho de base, que capacitasse os alunos a pensar em projetos que, em um segundo momento, poderiam ser apoiados pela incubadora. Todavia, para chegar na incubadora, os alunos deveriam ter momentos e espaços para pensar, criar, errar, acertar e desenvolver suas propostas, se capacitando tecnicamente, mas também em termos de competências empreendedoras.

Apesar das ações promissoras relatadas, as iniciativas de integração ainda estavam no curso de gestão e com poucos adeptos. Era necessário que mais docentes se engajassem, sobretudo nas áreas técnicas. Ao mesmo tempo, que outras iniciativas se somassem para que empreendedorismo não ficasse restrito a 1 semestre e 1 disciplina. A partir dessas discussões, surgiu a necessidade de pivotar o modelo de negócio, de modo a articular as iniciativas em um formato que permitisse replicar e escalar, como será visto a seguir.

Pivotando: o modelo de negócio do Despertar

Durante o ano de 2014, as ações de empreendedorismo seguiram como disciplina, envolvendo novos cursos e turmas na medida em que as



RELISE

169

formações iam sendo implantadas no IFRS. Paralelo a isso, mais ações extracurriculares foram agregadas como palestras envolvendo os temas de empreendedorismo, cooperativismo e inovação, além da parceria com a Associação Junior Achievement, regional do Rio Grande do Sul, para o programa Miniempresa, que consistia em reunir cerca de 20 estudantes do segundo ano do ensino médio, durante quinze encontros semanais, para idealizar, montar, gerenciar e concluir uma miniempresa.

Os alunos então foram responsáveis pela capitalização da miniempresa, vendendo ações em que também eram acionistas e definindo o produto através de pesquisa de mercado. Após a escolha do produto, realizaram sua produção e comercialização. Além disso, tinham o desafio de fazer a gestão financeira, de produção, comercial e de pessoas. Afinal, esses são fatores determinantes para que a miniempresa tivesse um retorno exitoso aos acionistas. Ao final também os miniempresários doaram os valores arrecadados em tributos para uma entidade assistencial.

Outras ações foram realizadas a partir das demandas levantadas pela equipe de trabalho e trazidas pelos estudantes e comunidade local. Uma das iniciativas trazidas pelos moradores da região foi a realização de um curso de "economia doméstica" que foi realizado no campus e aberto ao público. Um curso de Informática com aplicações práticas em rotinas administrativas também foi ofertado aos estudantes e moradores da região. Esse curso partiu das necessidades identificadas pelos próprios estudantes em relação às lacunas ao uso de planilhas eletrônicas, edição de textos, formatação de apresentações e a própria navegação na internet. Um dos pontos altos dessa ação foi que ela foi desenvolvida por uma estudante do curso de Informática do próprio campus, sendo assim uma oportunidade de desenvolvimento de habilidades dessa estudante também e da apropriação de uma linguagem mais



RELISE

próxima dos colegas que minimizaram as dificuldades de inserção no mercado de trabalho em razão disso.

Contudo, a articulação com as áreas técnicas permanecia como uma lacuna. Para se ter uma ideia, no ano de 2015 foi iniciada a revisão dos projetos pedagógicos dos cursos técnicos e as disciplinas de empreendedorismo seriam eliminadas. O que ocorria é que a formação em empreendedorismo e gestão não era considerada nem técnica, nem propedêutica, um componente que "ocupava espaço" nas grades curriculares, mas que não tinha uma filiação definida. As constantes trocas de docentes nas disciplinas de empreendedorismo também não contribuíram para que a formação tivesse continuidade.

Por sua vez, o projeto da incubadora seguia em estruturação e o grupo que trabalhava com empreendedorismo no campus começou as tentativas para a articulação de um projeto com maior envergadura, que incluísse os diversos cursos e níveis, aproveitando a verticalidade para potencializar as ações. Era necessário pivotar o "modelo de negócios" existente nas ações de educação empreendedora, trabalhando em uma nova "proposta de valor", em sintonia com os "segmentos do cliente" atendidos.

Aqui é importante ressaltar que, se por um lado foi um processo com tentativas, erros e aprendizado, também não foi uma iniciativa incipiente e sem referenciais. As ações envolvendo educação empreendedora naquele contexto já tinham uma certa acumulação em histórico e escopo uma vez que incluíam diversos cursos, propostas nas disciplinas e também extracurriculares. Por outro lado, referências eram constantemente consultadas na literatura e também através de contatos e visitas técnicas. Dentre os referenciais empíricos no Brasil, se destaca a UFRGS, através da atuação da Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico (SEDETEC) e do Parque Zenit (que engloba as incubadoras e parque tecnológico da instituição). No Uruguai contatos e



RELISE

171

parcerias foram articulados com a Universidad de la Republica (UDELAR), principalmente observando a Red Temática de Emprendedurismo (EMPRENUR), e Universidad Catolica do Uruguay. Nos EUA se observou o caso da Clemson University e sua atuação junto a empreendedores através do *Small Business Administration* (SBA).

Um dos desafios principais nesse momento era que mais pessoas trabalhassem a educação empreendedora, fossem docentes ou corpo técnico. A primeira estratégia adotada foi convidar para reuniões específicas ou inserir como pauta nas reuniões de curso ou área, o que não foi bem sucedido. Então, se partiu para uma nova estratégia, inspirada nas metodologias de *start-up*, de lançar um MVP, ou seja, um produto mínimo viável na forma de um programa que pudesse ser implantado imediatamente com uma equipe reduzida, mas que tivesse um formato capaz de ser escalonado. Dessa forma, se definiu uma “Equipe Estruturante”, composta por dois professores da área de gestão/administração, uma técnica-administrativa com a mesma formação e um professor da área de eletrônica/engenharia.

E foi assim que o Programa Despertar foi oficialmente lançado em 2016, com apoio dos programas de fomento interno de extensão e pesquisa do IFRS. O Programa foi sistematizado a partir de princípios e linhas de ação. As 4 linhas de ação propostas foram: (1) desenvolvimento de competências empreendedoras; (2) experiências práticas, isto é, “aprender fazendo”, (3) aproximação com o mundo do trabalho; e (4) inovação nos processos de ensino-aprendizagem. O Programa passou a ser organizado a partir dessa equipe estruturante (em 2016: 2 professores, 1 técnica administrativa e 1 bolsista) que tinham o papel de articular e “animar” uma rede de colaboradores, que se organizam por projetos vinculados a uma das 4 linhas de ação.

Dentre os princípios orientadores do programa estão: atuação transversal e vertical; gestão por projeto; equipe estruturante; e



RELISE

172

indissociabilidade. Uma inovação no âmbito do campus é que os projetos propostos deveriam prioritariamente atuar de forma transversal, dentro do possível atendendo todos os cursos e níveis de ensino, o que foi determinante, na opinião da equipe executora, para que empreendedorismo passasse a ser uma atividade "do campus" e não vinculada a um curso ou eixo. As linhas de ação, de certa forma, organizavam os projetos, mas sem propor uma separação hierárquica ou em categorias, na medida em que um projeto poderia ser vinculado a uma ou mais linhas.

A equipe estruturante foi um fator crítico de sucesso e assumiu o papel de sustentação da rede, dando cara ao projeto. Além disso, a equipe oferecia apoio em termos de infraestrutura e procedimentos administrativos para ideias de alunos e servidores. Por exemplo, um aluno ou servidor tinha interesse em promover uma palestra, o Programa Despertar, através do projeto "Diálogos Empreendedores" apoiava na divulgação, infraestrutura, avaliação, certificados, entre outros. A ideia de ter uma equipe estruturante e atuar em rede, por projetos, permitiu que outros atores se vinculassem a iniciativas pontuais, sem precisar se comprometer com um projeto de longo prazo ou a participar de um grupo de pesquisa que não estivesse ligado diretamente à sua área de atuação. Olhando para trás, é interessante observar que muitos desses professores e técnicos que começaram de forma pontual acabaram por se engajar em mais de um projeto, inclusive no papel de coordenadores.

Aliada à atuação transversal e vertical, outra importante diretriz foi a indissociabilidade. O Programa Despertar foi registrado inicialmente como extensão, por questões de procedimentos institucionais. Conduto, desde o princípio estava ancorado em iniciativas de ensino e passou a contar com um projeto de pesquisa, o Em(A)preendendo. As iniciativas de ensino, pesquisa e extensão se deram de forma articulada, com reuniões semanais conjuntas para planejamento e *follow-up*, o que permitia compartilhar atividades. A pesquisa



RELISE

173

atuava embasando teórica e metodologicamente as ações, assim como contribuindo para analisar os resultados do processo que estava sendo implantado. Enquanto isso, a extensão permitia multiplicar as ações de educação empreendedora no campus, em outros formatos. O ensino seguiu como carro-chefe, interagindo com as demais ações.

Já no primeiro ano, o Programa Despertar atingiu mais de 400 pessoas e conseguiu envolver mais de 30% dos servidores do campus em, pelo menos, uma ação. Mas, se "a excelência, antes de ser um feito, é um hábito", o modelo deveria ser validado, para garantir a continuidade do Programa e, para além disso, atingir o objetivo inicial de escalar iniciativas empreendedoras para uma instituição empreendedora. Os projetos e formas que o Despertar assumiu serão vistos a seguir.

Validando o modelo, ganhando escala e eficiência

Diversos projetos foram e continuam sendo realizados pelo Programa Despertar. Entre eles, destacam-se:

i) **Diálogos Empreendedores:** Consiste em trazer ao ambiente educacional, empreendedores, profissionais, estudantes, das mais variadas áreas do conhecimento, no intuito de dialogar com os estudantes dos campus e a comunidade, seja sobre assuntos relativos aos seus cursos e ao empreendedorismo em geral, como a outras temáticas de interesse. Destaca-se aqui que todos os cursos do campus são atendidos pelo projeto e isso demonstra a amplitude do projeto. Em geral, cada curso realiza sua semana acadêmica ou palestras relativas a sua área; um dos propósitos do Diálogos é justamente promover a integração dos cursos e das pessoas. Os convidados fazem palestras ou exposições dialogadas com o público, buscando uma interatividade com os participantes. A meta é que seja ofertado pelo menos um evento por mês. Superando essa expectativa, em 2016, por exemplo, foram



RELISE

ofertados 12 encontros durante o período letivo, com mais de 18 convidados. Mais de 400 pessoas participaram, pois os eventos aconteceram nos três turnos, visando atender os estudantes e comunidade colaborando com a disponibilidade dos participantes.

ii) Em Conexão: programa que visa que o estudante possa compreender como se desenvolve o dia-a-dia de um profissional de sua área de interesse. Isto é, tem o propósito de trazer aos estudantes do IFRS Campus Restinga a experiência de como é um dia de atuação profissional em uma organização, com a intenção de que os estudantes possam experienciar como se vive no mundo de trabalho na área que estão cursando ou com o cotidiano de um empreendedor. Encontros prévios ocorrem para troca de ideias e treinamentos até chegar ao dia de ir até a organização vivenciar um dia de trabalho com um profissional da área. Após, a ideia é que os alunos e profissionais voltem para o campus para trocar experiências do dia com os outros participantes em um evento de encerramento, onde ocorre a certificação, incentivando ações de empreendedorismo e a extensão dessa conexão entre todos os envolvidos, oportunizando também uma rede de voluntariado entre os envolvidos. Em 2016 foram beneficiadas mais de 30 pessoas entre profissionais e estudantes. Trata-se de uma ação que retira o estudante de sala de aula, o aproxima do mundo do trabalho, faz com que tenha conexão/networking com profissionais de sua área, motiva estudantes e profissionais, além de evidenciar as competências empreendedoras de maneira prática e colaborar na captação de convênios para estágios. Há uma expectativa de que ações como essas inclusive minimizem a evasão escolar e façam os estudantes melhor compreenderem os conteúdos em sala de aula.

iii) Miniempresa: ofertado em parceria com a Associação Junior Achievement do Rio Grande do Sul (JARS) para simular a operacionalização de empresas. Proporcionou aos alunos do 2º e 4º ano dos cursos técnicos



RELISE

175

integrados ao ensino médio a experiência prática em economia e negócios, na organização e na operação de uma empresa. O grupo de vinte e dois estudantes foram desafiados a montar uma miniempresa, criar um produto, produzi-lo e comercializá-lo. Para isso, quatro áreas amplas (Produção, Marketing, Recursos Humanos e Finanças) são estruturadas com os participantes e cada uma possui um conselheiro (em geral empresários ou profissionais liberais) que voluntariamente colabora com o grupo nos encontros semanais. Nesses encontros ocorreu a produção dos “pote-pote”, isto é, um pote para armazenamento de diversos objetos e que tinha como diferencial sustentável o reaproveitamento de caixas de leite. A miniempresa que se chamou Sustenbox S.A./E, iniciou em março de 2016 e finalizou em julho do mesmo ano. Seguindo a realidade de empresas comuns, foram realizadas ações como o pagamento de “salários” e comissões sobre vendas, além da doação dos valores arrecadados relativos aos tributos vigentes para uma entidade sem fins lucrativos do Bairro Restinga.

iv) Projeto de Pesquisa: com o objetivo de sistematização das informações para suportar desenvolvimento de metodologia em educação empreendedora, projetos de pesquisa foram desenvolvidos. O “Em(A)preendendo” é um projeto que trabalha em sincronia com as demais ações do programa Despertar, buscando maneiras de incentivar o empreendedorismo no Campus Restinga. O objetivo central do trabalho é observar experiências e práticas de educação empreendedora de referência em um contexto nacional e internacional, assim como sua articulação com processos de inovação. Para isso, estão sendo pesquisadas as melhores práticas de educação empreendedora através de uma revisão de literatura acerca do tema de ensino de empreendedorismo. Além disso, projeto de pesquisa Em(A)preendendo que já teve como um dos resultados o



RELISE

desenvolvimento de um instrumento (questionário) para identificar competências empreendedoras.

v) Mostra Empreendedora: o objetivo geral da Mostra Empreendedora é oportunizar um espaço para divulgação e avaliação de iniciativas envolvendo empreendedorismo, inovação e criatividade, seja através de disciplinas, projetos, TCCs ou projetos integradores. Podem participar estudantes, servidores, bem como a comunidade externa, instituições de ensino e profissionais de diversas áreas, cujo principal objetivo é o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades para que os participantes possam transformar ideias e propostas em projetos. Em sua 9ª edição, cada Mostra Empreendedora conta com convidados externos (professores, empresários e egressos) que avaliam em torno de 20 trabalhos por evento.

vi) Projetos integrados e participação em disciplinas técnicas: os projetos integrados nos cursos de Eletrônica Industrial e Análise e Desenvolvimento de Sistemas são momentos em que os alunos devem desenvolver produtos a partir de desafios lançados (ações vinculadas ou não às disciplinas de empreendedorismo).

vii) Disciplinas de empreendedorismo: a temática do empreendedorismo é tema de unidades curriculares para 9 dos 13 cursos do Campus. O esforço de que em cada Projeto Pedagógico de Curso esteja presente esse componente curricular é para que os estudantes não sejam ceifados da oportunidade de compreender elementos conceituais imprescindíveis para sua formação empreendedora. Além disso, as temáticas abordadas durante as aulas sensibilizam os alunos sobre o universo empreendedor e da inovação, tornando-os atualizados e fluentes em abordagens e metodologias atuais.

viii) Jogos empresariais: o projeto “Dr. E - Gamificação voltada para educação empreendedora” tem como principal objetivo o desenvolvimento de



RELISE

177

um sistema, em formato de jogo que proporcione o mapeamento de competências empreendedoras, contribuindo para o desenvolvimento interpessoal e melhoria nas práticas de ensino. O projeto surge em decorrência do projeto de pesquisa Em(A)preendendo em que foram sistematizadas 10 principais competências, devidamente referenciadas e justificadas: planejamento e estabelecimento de metas, orientação para inovação e mudanças, disposição para assumir riscos moderados, necessidade de realização, autoconfiança, persistência, senso de oportunidade, redes de relações e liderança. A partir desse trabalho, o “Dr E” está desenvolvendo um ambiente on-line em formato de “game”, o que deve contribuir para tornar a plataforma mais atrativa e interativa, além de dar um feedback para os respondentes (jogadores) e oferecer propostas personalizadas para o desenvolvimento de suas competências e ações de ensino e extensão para promover empreendedorismo no campus Restinga.

ix) InovaLab@Restinga: o projeto surge no intuito de consolidar um ambiente de invenção e criação dentro do Campus, fortalecendo ações já existentes, como a Incubadora Tecnológica Social e os diversos projetos de pesquisa, ensino e extensão, com a perspectiva de consolidar um Habitat de Inovação. Ao mesmo tempo que a instalação do InovaLab@Restinga dialoga com uma série de ações em curso no Campus Restinga, sob o ponto de vista da promoção do empreendedorismo e da inovação, os projetos das disciplinas nos cursos técnicos, as disciplinas que envolvem projetos nos diversos cursos superiores e o Programa Despertar, entre outras iniciativas de ensino, pesquisa e extensão – será um importante mecanismo de interação com a comunidade e com o Distrito Industrial da Restinga. O projeto prevê a instalação do ambiente InovaLab@Restinga, a realização de oficinas estilo ‘makers’ para difundir o conceito e a tecnologia da prototipagem rápida, a prestação de serviços à comunidade e a ampliação gradual da ação. Nessa perspectiva, a presente



RELISE

178

proposta propõe ações claras de aproximação de tais tecnologias do público interno e externo, tais como: o uso coletivo dos equipamentos de prototipagem rápida, cursos, seminários, palestras sobre uso desta tecnologia(s), softwares necessários, possibilidades de uso e como replicar as ferramentas/máquinas. Tudo isso irá contribuir diretamente para o desenvolvimento tecnológico dos diversos cursos do Campus e para tornar o Campus Restinga um polo de inovação e empreendedorismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquadrar, classificar e analisar a *praxis* sob procedimentos metodológicos de gestão, refletindo de forma científica, a respeito de um referencial empírico "vivo" que diz respeito essencialmente à prática é um grande desafio. Um desafio tão importante quanto necessário visto a importância da educação empreendedora e seu potencial impacto na sociedade e na vida dos estudantes. Dessa forma, a sistematização desse percurso permite a análise de oportunidades e barreiras, facilita seu compartilhamento com outros atores, além de ser base para novas reflexões.

Traçar um paralelo entre o desenvolvimento do Programa Despertar e a "jornada do empreendedor" foi bastante oportuno, afinal, construir uma instituição empreendedora é um projeto e um processo, que passa pela presença de atores engajados e, por que não, empreendedores. Por todas as questões observadas ao longo do texto, a educação empreendedora é também um desafio pedagógico. Ao mesmo tempo que um tema importante e cada vez mais discutido, não é tão evidente colocá-la em prática, na medida em que metodologias prontas nem sempre dão o resultado esperado e sua relação com múltiplos fatores, internos e externos às instituições. Diversos são os exemplos no Brasil e contexto internacional de projetos, que vão de iniciativas em sala de aula até extensão tecnológica e ambientes de inovação.



RELISE

No caso dos Institutos Federais, alguns fatores estruturais são interessantes para o fomento da educação empreendedora. Basta notar que a Lei de Criação traz como parte das finalidades e características dos IFs o empreendedorismo, juntamente com a pesquisa aplicada, a interação com os arranjos produtivos locais e a verticalidade. Por outro lado, a capilaridade da estrutura pode ser considerada uma força e uma fraqueza, ao considerar que unidades de menor porte também possuem recursos mais restritos em termos de estrutura e corpo técnico de modo geral.

O Programa Despertar é uma iniciativa de educação empreendedora que se estruturou aliando atores engajados em uma proposta ampla, clara, e de estrutura ágil, o que foi determinante para que fosse replicado e garantiu sua continuidade, mesmo com mudanças significativas na equipe - basta notar que somente $\frac{1}{3}$ da equipe inicial continua à frente do programa. O Programa se tornou uma referência no IFRS também por seu caráter indissociável, aliando iniciativas de ensino, pesquisa e extensão; o programa recebeu o "Destaque Especial Indissociabilidade" no Salão de Ensino Pesquisa e Extensão do IFRS já no ano de 2016 e foi selecionado como prática de referência em 2017 e 2018.

O artigo propôs a sistematização de uma experiência na área, evidenciando seu percurso e aprendizado. Sendo assim, pode-se concluir que a educação empreendedora, através de diferentes esforços tem se consolidado na instituição e, cada vez mais, tem sido evidenciada. O que deixa uma pergunta final: será uma solução ou método a ser replicado? Talvez, com chances de sucesso e fracasso como todo empreendimento em potencial. Contudo, o principal objetivo foi trazer um caso real de, como empreendedores deram uma resposta ao desafio da educação empreendedora dentro de seu contexto, um desafio que se renova, como um objetivo a ser continuamente trabalhado e revisitado.



RELISE

180

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. F. de; TORKOMIAN, A. L. V. Fatores de influência na estruturação de programas de educação empreendedora em instituições de ensino superior. **Encontro de Estudos Sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, 2, 299–311, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3ª reimp. Lisboa: Edições, v.70, 2011.

Brasil. **Lei nº 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 2008.

BRASIL. **Expansão da Rede Federal**, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec-programas-e-aco-es/expansao-da-rede-federal>. Acesso em: 13 abr de 2021.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. Ed. 12ª. McGraw Hill Brasil, 2014.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**, 2011.

DOLABELA, F. Pedagogia empreendedora. **Revista de Negócios**, 9(2), 2007.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. Sextante, 2011.

GEM (Global Entrepreneurship Monitor). **Empreendedorismo no Brasil 2015**: relatório executivo. São Paulo: Sebrae, 2015. Disponível em: [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/\\$File/5904.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/$File/5904.pdf). Acesso em: 13 abr de 2021.

GOMES, D. C.; FARIAS SILVA, L. A. Educação empreendedora no ensino profissional: desafios e experiências numa instituição de ensino. **HOLOS**, 1, 118-139, 2018.



RELISE

181

LIMA, E., LOPES, R. M., NASSIF, V.; SILVA, D. Opportunities to improve entrepreneurship education: Contributions considering Brazilian challenges. **Journal of Small Business Management**, 53(4), 1033–1051, 2015.

LIMA, E.; NASSIF, V. M. J.; LOPES, R. M. A.; SILVA, D. Educação Superior em Empreendedorismo e Intenções Empreendedoras dos Estudantes—Relatório do Estudo GUESSS Brasil 2013-2014. **Caderno de Pesquisa**, 2014.

LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. São Paulo: Sebrae, 2010. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=5WOOyQ3qBtEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 13 abr de 2021.

MARTINS, J. B. **Observação participante**: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. *Semina: Ci. Sociais/Humanas*, 17, 266-273, 1996.

MEC/SETEC. Plataforma Nilo Peçanha 2021 (Ano base 2020). Disponível em: <http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2020.html>. Acesso em: 13 abr de 2021.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PACHECO, E. M. **Os Institutos Federais**: uma revolução na educação profissional e tecnológica, 2018.

PÉREZ-SERRANO, M. G. **Investigación-acción**: aplicaciones al campo social y educativo. Madrid: Dykinson. 1990.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Educação Empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, 10(3), 2016.

SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). **O empreendedorismo nas universidades brasileiras 2014**: resultados quantitativos, 2014.

SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). **O empreendedorismo nas universidades brasileiras 2016**. Sebrae, 2016. Disponível



RELISE

182

em:<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relatorio%20Endeavor%20impressao.pdf>. Acesso em: 13 abr de 2021.

SERVA, M.; JAIME, P. **Observação participante e pesquisa em administração**: uma postura antropológica. Revista de Administração de Empresas, 35, 64-79, 1995.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.